



CHAUVIN, Jean Pierre. A heroização de Cristo, segundo Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: **Revista Épicas**. Ano 3, N. 6, Dez 2019, p. 1-6. ISSN 2527-080-X.

A HEROICIZAÇÃO DE CRISTO, SEGUNDO SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

CHRIST'S HEROIZATION, BY SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

Jean Pierre Chauvin

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor -- Primeira Parte**. São Paulo: Todas as Musas, 2016 [Organização, notas e estudos introdutórios de Fábio Mário da Silva].

Fábio Mário da Silva leciona Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Concluiu seu mestrado sobre a obra de Florbela Espanca em 2008 e, cinco anos depois, doutorou-se também na Universidade de Évora. Entre 2013 e 2016, ele realizou um projeto de pós-doutorado na Universidade de São Paulo, sob a supervisão de Adma Fadul Muhana, que resultou na edição, anotação e estudo crítico da poesia épica legada por Soror Maria de Mesquita Pimentel, em três volumes.

No primeiro deles (*Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor*), publicado em 1639, a autora (re)conta a anunciação, infância e adolescência de Jesus Cristo, desde antes de seu nascimento na manjedoura até o diálogo com os sábios do templo. Com trânsito para além das Escrituras, a freira conhecia bem os poetas e tratadistas que remontavam à Antiguidade e à Idade Média. No *Memorial*, Soror Pimentel concebe o *Memorial* como expediente para recontar a história de Jesus, o que a leva a mobilizar seu vasto repertório, tanto em teologia, quanto em poesia. Por se tratar de matéria elevada, ao transportá-la para o texto em verso, Soror Pimentel recorreu ao gênero épico e emprestou ao poema o estilo decoroso que cabe

ao relato de feitos extraordinários, protagonizados por ninguém menos que o filho de Deus – “verdadeiro Deus e homem, princípio, meio, e fim de nossa saúde” (PIMENTEL, 2016, p. 83).

Disposto em dez cantos em oitava rima, o *Memorial* remonta à epopeia tradicional, com que também estabeleceu seu lugar na *auctoritas* de Homero, Virgílio e Camões – sem deixar de lado os modelos legados por Hesíodo e Ovídio, como assinala Adma Muhana, em excelente Prefácio ao livro. Outra questão fundamental reside nos propósitos e métodos empregados por Soror Pimentel, ao redigir a epopeia de Cristo. Evidentemente, embora imitasse modelos situados entre a Antiguidade e o século XVI, concedeu trato um tanto diverso em relação a aqueles. Desse modo, como salienta Muhana (2016, p. 12), “Tal diferença se configura pela ênfase numa graça virginal e simples, [...] pela fragmentariedade, pela sucessão de quadros cronológicos, elementos todos nos quais a ausência de pompa é demonstração de verdade cristológica e em que são visados, mais do que a comoção afetiva, o deleite e a afetividade edulcorada”.

Na Introdução ao primeiro volume, Fabio Mario da Silva apresenta-nos a biografia de Soror Maria de Mesquita Pimentel, freira que viveu entre 1581 e 1563(?) – levando-se em conta as variadas informações prestadas por seus biógrafos. O estudioso salienta que o “contexto desta obra é o da cidade de Évora, capital do Alto Alentejo, [...] entre os séculos XVI e XVII” (SILVA In: PIMENTEL, 2016, p. 19), caracterizada pela riqueza econômica e a coexistência de pessoas eruditas, fidelíssimas súditas da Coroa, tementes a Deus e conhecedoras de preceptivas retórico-poéticas, além de obras, consideradas paradigmáticas de variados gêneros, que discorriam sobre diversos temas, fazendo uso de decorosos estilos. Isso explica a convergência entre mitologias, por exemplo, a grega e a cristã:

Apolo, ou mais propriamente o elemento luminoso que lhe está associado, é componente de uma criação do mundo e construído também sob a égide da fartura/abundância, em torno do verão e da primavera. É, no âmbito astrológico, referência da data fixada para o nascimento de Cristo, remetendo para a produção de flores e frutos, num resgate de sua imagem primordial ligada à beleza (SILVA In: PIMENTEL, 2016, p. 28).

O crítico chama atenção para um terceiro aspecto, relacionado à obra de Soror Pimentel: o fato de a chamada “literatura conventual” ter sido “esquecida” por grande parte dos estudiosos, quadro que só mudaria no final do século XX. Essa recusa em dar voz a determinados poemas e temas não impediria que os versos produzidos por ela fossem examinados com o devido rigor, mesmo porque permitem rediscutir os vínculos “entre história nacional e epopeia como fundamento retórico do discurso épico” (SILVA In PIMENTEL, 2016, p. 38).

Na Dedicatória à “Virgem Senhora Nossa Senhora do Desterro”, Soror Pimentel cumpre os protocolos do paratexto preambular. Após justificar a eleição da “soberana sempre Virgem mãe de Deus”, diz reconhecer “quão indigna” era “de aspirar a tanta alteza”. Ainda assim, pede a “proteção e amparo” da entidade, “fazendo que” ficasse “impresso nas almas de todos” que lessem o *Memorial* (PIMENTEL, 2016, pp. 83-84).

O segundo paratexto do *Memorial* destinava-se ao leitor. Se a humildade prevalecera na seção anterior, no Prólogo, a freira recorre ao preceito horaciano do *ut pictura poesis*, já que espera encontrar leitores de gostos e entendimentos variados, iluminados conforme a maior ou menor luz da graça. Para marcar a superioridade da matéria de que ousa discorrer, a persona poética simula um diálogo em que estabelece o seu lugar distanciado em relação ao destinatário, sob a cláusula “Entenda-me quem me entende” (PIMENTEL, 2016, p. 85).

Respalhada pelo teor que vai no Antigo Testamento, Soror Pimentel apresenta e caracteriza Lúcifer, o portador de luz. Ser sublime, ele se destaca dentre o exército de Serafins, tomando-lhes a vantagem, em beleza, vaidade e poder:

[Canto Primeiro, 10ª Estrofe]
Aquele, que entre esquadras purpurantes
Seráficas fez Deus tão sublimado,
Que posto sobre trono de diamantes.
Aos demais ficou aventejado:
Foi Luzbel, que nas luzes cintilantes
Belíssimo te viu ficar banhado,
Sendo na soberana alta morada
O da celestial chave dourada (PIMENTEL, 2016, p. 97).

Depreende-se, desde os primeiros versos, que o fato de se tratar de um poema épico faculta duas virtudes ao *Memorial*. Obediente aos preceitos que orientavam a composição do gênero, adequando-o ao assunto elevado e estilo grave (*gravis stylus*), Soror Pimentel reproduz o enunciado bíblico. Ao optar pela emulação do que constava das Escrituras, o poema tanto atende ao que recomendavam os tratados sobre a epopeia, quanto aproxima, por intermédio da linguagem, o *Memorial da Bíblia*. À medida que avançamos na leitura dos cantos, percebemos que a transposição das Escrituras assegura unidade e traduz-se nos episódios e feitos, dispostos em sequência análoga às Escrituras. Após criar o mundo, Deus decide tonar herdeiro um homem com aparência comum, mas essência divina. Para tanto, ordena que o mensageiro Gabriel leve a notícia da gravidez a Maria, a mãe virginal de Jesus:

[Canto Segundo, 43ª Estrofe]
Neste tempo Maria santa e pura
O lavor da almofada já deixava,
Porque Érebo trazia a noite escura,
E no reino de Tétis Febo entrava:
Tomando o sacro livro da Escritura,
Achou como Isaías declarava
Que uma Virgem a Deus conceberia,
E sempre intacta e pura ficaria (PIMENTEL, 2016, p. 131).

Forçados a cumprir o édito impetrado pela rainha, José e Maria (já grávida) deslocam-se, com grande dificuldade, para o distrito de Belém. Se, por um lado, a narração sobrevaloriza os desafios da jornada pelo território inóspito, por outro, reforça o senso de dever. Deve-se ressaltar, como o Evangelho o faz, o ônus

que ambos padecem, especialmente Maria, que além da alma sofrida, carrega o filho de Deus, anunciado por Gabriel:

[Canto Terceiro, 67ª Estrofe]
Assi andando vão e entre temores
José sua querida Esposa anima,
E quanto o tempo mostra mais rigores,
Tanto mais dentro n'alma se lastima,
A Deus vai penetrando com clamores,
Que só por serem seus, tanto os estima,
Que subidos nos Céus, tais como estrelas
Lhes mostram de Belém as torres belas (PIMENTEL, 2016, p. 163).

Sem perder de vista a extensão dos versos, nem descuidar a marcação do ritmo e a manutenção das rimas, o Memorial anuncia que, ao décimo terceiro dia do nascimento de Jesus Cristo, os três reis magos lhe fariam visita, levando presentes. Os paralelos entre teor e linguagem são incrementados. Dir-se-ia que os capítulos da Bíblia se tornam cantos; e que os versículos recebem a roupagem metafórica dos versos.

[Canto Sexto, 20ª Estrofe]
Como nos dromedários vão voando,
Chegaram a Judea em breves dias;
A estrela se foi logo ausentando,
E deles desterrou as alegrias.
Vai o Saber eterno assi traçando
Por suas soberanas e altas vias,
Que não compreende o humano entendimento
Dar ao mundo de si conhecimento (PIMENTEL, 2016, p. 227).

A desmedida ambição do reino contamina a alma de Herodes, que determina a morte das crianças, até dois anos, nascidas em Belém. Embora envenenado pela nefasta visão que tivera, a decisão de Herodes é tão intempestiva quanto amparada por seu extremo poderio. Bastaria o leitor cotejar o que dizem os testemunhos dos apóstolos, para constatar, ainda uma vez, a similaridade entre a linguagem bíblica e aquela empregada ao longo do *Memorial*.

[Canto Oitavo, 11ª Estrofe]
Porque este Rei cruel entre os humanos
Mandou que no distrito, e na comarca
De Belém, para evitar seus danos,
Imaginando ser sempre monarca,
Matasse até idade de dous anos
Com insolência fera, a dura Parca
Quantos mininos cruelmente achasse,
Sem que nenhum das unhas lhe escapasse (PIMENTEL, 2016, p. 279).

O penúltimo canto narra a fuga de José e Maria, com seu filho nos braços, aos romanos. O menino-deus, que é um e é trino (Deus, Filho, Espírito Santo) torna-se vértice de outro triângulo, constituído por José e Maria. O plano terreno converte-se em homologia da hierarquia celestial. Para ressaltar a figuração solar

que acompanhava, há séculos, a imagem de Jesus, Soror Pimentel recorre diversas vezes a Apolo – liberdade poética que lhe permite atestar erudição e firmeza de propósitos.

[Canto Nono, 29ª Estrofe]
Em seu ebúrneo coche ainda estava
Da roxa luz de Apolo a roubadora,
Quando José seráfico tirava
Do cego Egito o sol, e a bela aurora.
E para a cara pátria se tornava,
Toda aquela província geme e chora,
Acrescentando ao Nilo com seu pranto,
Vendo ir Jesus, Maria, e José santo (PIMENTEL, 2016, p. 306).

No canto final, enquanto José e Maria procuram por Jesus, desaparecido havia três dias, o filho de Deus escuta e contra-argumenta a palavra dos doutores no templo, admirados com sua jovem aparência e a eloquente sabedoria. No poema, a centralidade de Jesus Cristo é evidenciada pela postura que o menino adota (“Metendo-se no meio dos doutores”) e pela reação maravilhada dos mais velhos, “que outro não viram semelhante” e “a principal cadeira lhe cederam”.

[Canto Décimo, 62ª Estrofe]
E posto logo em pé, passa adiante,
Metendo-se no meio dos doutores
Com uma graça viva e um semblante
Que roubava os sentidos exteriores.
Eles, que outro não viram semelhante,
Nem que tão digno fosse de favores,
Com mui grande alegria o receberam,
E a principal cadeira ali lhe deram (PIMENTEL, 2016, p. 342).

Estamos diante de um livro notável que, além de registrar a abrangente pesquisa conduzida por Fabio Mario da Silva, franqueia ao maior público a primeira epopeia de autoria feminina em língua portuguesa de que se tem notícia. Esses fatores seriam suficientes para reforçar o convite à leitura, especialmente aqueles que estejam a procurar trabalhos exemplares sobre a produção de poesia no século XVII. O fato de o *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* ser um poema publicado naquele tempo, e sob tais circunstâncias, não impede (antes favorece) que voltemos a atenção para um tempo e lugar em que súditos e fiéis serviam, como membros do corpo místico, aos desígnios de Deus e do Rei.

Como ficou dito, o pesquisador corrobora a hipótese de que Soror Pimentel tinha plena consciência de que, para produzir poesia, havia que se respaldar em preceitos retórico-poéticos, sem jamais perder de vista virtudes pré-determinadas pela Igreja Católica, segundo o forte senso de dever e hierarquia, que caracterizava a sociedade reinol portuguesa. A julgar pelo que contém o primeiro volume dessa “trilogia épica” (SILVA In: PIMENTEL, 2016, p. 18), e daquilo que o texto sugere para além do dogma católico e as *Ordenações* do Reino, recomenda-se que o leitor percorra cuidadosamente as páginas do *Memorial*, e repare o que nele há de Virgílio, Horácio e de Camões. Porventura, uma das chaves de leitura mais produtiva esteja

na linguagem empregada em um poema extenso, que se propõe a figurar um menino Jesus industrioso, a agir como demiurgo, por vezes em cores mais vívidas que aquelas encontradas nas Escrituras.

Haveria que se levar em conta a capacidade de Soror Pimentel de inventar o que (e como) dizer, engendrar coisas e criar imagens com refinada arte, ao ler o *Memorial*. A despeito dos esquecimentos da historiografia literária a que a sua obra “conventual” foi submetida, a transcrição do poema, bem como o modo de explicar os seus versos, ganham maior fôlego se contarem com o reconhecimento de quem se interessa por poesia de elevada qualidade e desconfia que, fosse em Évora, fosse nas capitanias do Brasil no século XVII, versejar costumava ser uma arte praticada por sujeitos letrados, cuja *forma mentis* atrelava-se intimamente às questões de seu tempo e espaço.

Saldo de leitura? A edição preparada por Fabio Mario da Silva sugere a necessidade de alargarmos o cânon das Letras luso-brasileiras. Também sob essa perspectiva, a leitura do *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* recordará ao leitor o pequeno e grande lugar ocupado pelas poetisas do século XVII (ainda hoje), num universo codificado pelo dogma, leis e costumes, orientado pela noção de *auctoritas*, governado com a mão de ferro do Rei em nome de Deus - e que ainda não previa discursos politicamente emancipatórios, discussões sobre representatividade, discurso abolicionista, identidade de gênero, menos ainda o descolamento dos súditos em relação ao cetro ou à mitra.

Neste livro que ensina, deleita e move – como recomendava Cícero –, Fabio Mario da Silva sugere aplicar outros modos de ler, analisar e interpretar determinadas obras, especialmente aquelas de autoria feminina, escritas num período e lugar em que a referência a poemas épicos e tratados retórico-poéticos constituía fundamento da arte de compor versos, facultando aos poetas inventar temas, evocar tópicos e ajustar o discurso, proporcional ao descrever partes, em acordo com o estilo mais apropriado ao gênero correspondente.